



Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

Aprovado
10-4-2025
José Gomes

VOTO DE SAUDAÇÃO

PELO CENTENÁRIO DE DIAS DE MELO

“Sou escritor. Português – porque sou cidadão do meu país, Portugal. Açoriano – porque sou cidadão dos Açores. Mas, mais restritamente e acima de tudo – sou um escritor do Pico. Da minha Ilha, da minha Terra. E, porque sou Povo – do Povo da minha, da nossa Ilha, da minha, da nossa Terra.”

José Dias de Melo nasceu a 8 de abril de 1925, há precisamente 100 anos, na freguesia da Calheta de Nesquim, na Ilha do Pico.

Aí frequentou o ensino primário e viveu uma infância marcada pelas brincadeiras à volta dos barcos e dos botes varados na rampa e no Terreiro da Calheta, ouvindo estórias na Casa dos Botes sobre o mar e sobre a baleação.

A envolvência desse ambiente fez despertar precocemente o gosto pela leitura e pela escrita, incentivados por uma tia que lhe oferecia para ler os livros da Coleção Azul ou alguns dos clássicos da literatura portuguesa...Com apenas 12 anos, escreveu *“Desastre no Canal”*, no qual alguns baleeiros calhetenses perderam a vida, e que mais tarde daria origem ao romance *Mar Pela Proa*.

Fugindo à condição que lhe estaria destinada pelo meio onde nascera, no seio de uma família humilde de quatro filhos, embarcou, numa madrugada, no cais da Calheta, para uma longa viagem de separação



Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

de Casa, que o levaria a prosseguir estudos no Faial, onde concluiu o liceu e tirou o curso de professor primário.

Fundou em 1944, na Horta, com amigos do liceu, a Associação Cultural Académica, em cujas reuniões de sexta-feira se recitavam poemas. Enquanto professor, lecionou em Ponta Delgada e na Lagoa, na Cova da Piedade e nas Lajes do Pico, marcando muitos dos alunos que ainda hoje o recordam.

Radicou-se em Ponta Delgada, a partir de 1949, onde casou com Edna Gomes Melo, tendo deste casamento nascido os seus quatro filhos.

A sua estreia em livro faz-se em 1954 com os poemas de “*Toadas do Mar e da Terra*” e, a partir de então, sem preocupações de escolas literárias, a diversidade da produção literária de Dias de Melo é assinalável.

Publicou romances, contos, poesia, crónicas e relatos de viagens. Foi colaborador assíduo da imprensa nacional, *Diário de Notícias* e *Diário de Lisboa*, e da imprensa regional – *O Telégrafo, Açores, Ilha, Correio dos Açores* e *Açoriano Oriental* - sendo célebres, neste último, as crónicas da série “*Fumo do Meu Cachimbo*”. Fez investigação e recolha etnográfica, como em “*Na Memória das Gentes*”, cujos cinco volumes se afirmam como uma obra de importância extrema para a preservação da identidade e do património cultural das gentes do Pico. Com mais de 30 livros publicados, “*Pedras Negras*” seria a sua



Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

obra mais emblemática, que lhe conferiria projeção internacional, sendo inclusivamente traduzida para inglês e japonês.

Dias de Melo foi, indiscutivelmente, o escritor da baleação. Dos homens do mar, pobres e honrados, tornados heróis por necessidade.

“Se ouvirdes dizer a um homem que ande no mar (...) que não tem, que nunca teve, medo do mar, ficai vós sabendo que esse farsante ou é tolo ou não conhece o cerrado em que anda a lavar.”

Ninguém como Dias de Melo conseguiu retratar a essência, a saga individual e histórica do homem baleeiro, porque ele escrevia sobre a realidade e sobre a vida que conhecia.

“Meus amigos baleeiros, /ouvi este meu cantar:/ Eu também sou baleeiro, /também sou homem do mar.”

Não é justo, porém, reduzir Dias de Melo à temática baleeira. Escreveu, acima de tudo, sobre a condição humana. Escreveu sobre camponeses, pescadores e operários. Sobre a vivência insular num tempo e num espaço fechado; sobre os homens desse tempo e desse espaço; as suas alegrias e tristezas, amores e ódios, sonhos e fracassos. Escreveu sobre saudade; sobre a necessidade de partir da “ilha que escorraça a gente”, mas à qual sempre se quer voltar porque “a ilha chama pela gente”. Escreveu sobre a dicotomia radical entre exploradores e explorados, sobre Injustiça, aderindo sempre à luta dos mais fracos, vítimas do sistema social.



Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

Ler Dias de Melo é ficar a conhecer quem foi e quem somos coletivamente.

Reformado do ensino, mas nunca da escrita, regressava frequentemente ao Pico, à casa do Alto da Rocha do Canto da Baía, de onde escrevia para o mundo. Lia (adorava Steinbeck e Jorge Amado), ouvia música - preferencialmente, a Nona Sinfonia de Beethoven ou um passo dobrado bem interpretado pela Lira Fraternal Calhetense -, e apreciava o mar.

O sotaque da Calheta, que nunca perdeu, o cachimbo que entusiasticamente fumava, o chapéu de palha, a máquina fotográfica ao ombro identificavam o homem que percorria os trilhos da freguesia, visitava a quinta que fora dos pais, tomava o seu banho no porto da Calheta, parava à conversa com os mais novos.

Solitário e solidário, era um homem de amizades profundas e, muitas vezes, embrenhado no prazer da escrita, telefonava a algum amigo, madrugada fora, para lhe contar entusiasticamente a estória do seu próximo livro ou, simplesmente, pedir ajuda para recuperar algum texto perdido, quando a evolução ditada pelos tempos o levou a substituir a máquina de escrever pelo computador.

Reagia embaraçadamente aos elogios, mas recebeu em vida o reconhecimento oficial por uma obra gigantesca dedicada às gentes do Pico e às suas vivências. Em 1990, foi distinguido pelo Presidente da República com o grau de Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.



Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

Em maio de 2008, foi objeto de uma homenagem pública por iniciativa do Presidente do Governo Regional dos Açores e distinguido com a Insígnia Autonómica de Reconhecimento por esta Assembleia. Foi-lhe concedida a distinção de Cidadão Honorário e a Chave de Ouro do Concelho das Lajes do Pico, cuja Biblioteca Municipal tem o seu nome. Foi objeto de inúmeras tertúlias, exposições, documentários, deu nome a uma rua na sua freguesia natal, pela qual tantas vezes passou a pé, porque nunca possuiu carro...

José Dias de Melo faleceu aos 83 anos, em Ponta Delgada, a 24 de setembro de 2008. Foi, na opinião que sobre ele tinha Natália Correia, “o mais honrado escritor português”.

É esse homem simples e a genialidade desse escritor que hoje, também aqui, pretendemos recordar e homenagear. Certos de que fazê-lo é preservar e projetar a história da identidade cultural açoriana. Mas convictos de que nenhuma palavra proferida desta tribuna, nenhuma expressão ou contributo será, certamente, homenagem maior do que ler Dias de Melo...porque, na verdade, nenhum escritor morre enquanto os seus livros continuarem a ser lidos!

Assim, ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, os Grupos Parlamentares do Partido Socialista e do Partido Social Democrata propõem à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores



Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

a aprovação de um Voto de Saudação pelo Centenário de Dias de Melo.

Do presente voto deve ser dado conhecimento à sua família, à Junta de Freguesia da Calheta de Nesquim, à Assembleia e Câmara Municipal das Lajes do Pico, à Associação de Municípios da Ilha do Pico, ao Conselho de Ilha do Pico, ao Governo Regional dos Açores, ao Instituto Açoriano da Cultura e à Associação Portuguesa de Escritores.

Horta, Sala das Sessões, 10 de abril de 2025

Os Deputados,

Marta Matos

Ana Jorge

Mário Tomé

Carlos Freitas